



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LUANA VENTURA VIERA

**A AFETIVIDADE E AS CONFIGURACOES FAMILIARES NA PERSPECTIVA DE
CRIANÇAS PARTICIPANTES DO PROJETO TRANSFORMAR**

**DELMIRO GOUVEIA-AL
2020**

LUANA VENTURA VIERA

**A AFETIVIDADE E AS CONFIGURACOES FAMILIARES NA PERSPECTIVA DE
CRIANÇAS PARTICIPANTES DO PROJETO TRANSFORMAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como parte dos requisitos para a obtenção do título da Graduada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Msc. Noélia Rodrigues dos Santos.

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Sâmela Rouse de Brito Silva CRB-4/2063

V657a Vieira, Luana Ventura

A afetividade e as configurações familiares na perspectiva de crianças participantes do projeto Transformar /Luana Ventura Vieira. – 2020.

55 f. : il.

Orientação: Prof. Ma. Noélia Rodrigues dos Santos.

Monografia (Pedagogia) –Universidade Federal de Alagoas.
Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2020.

1. Afetividade. 2. Configuração familiar. 3. Crianças. I. Título.

CDU: 37.018.32:159.942

Dedico este trabalho a Deus e a Nossa Senhora das Graças, pela providência durante todo o curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me sustentado até aqui, pelos puxões de orelha nesses últimos tempos, e por ter acreditado em mim quando eu mesma não acreditava. A Nossa Senhora que em nenhum momento me desamparou e com o auxílio do seu esposo, o Espírito Santo, me fez seguir em frente.

Aos meus pais, João Vieira Monteiro e Luciene da Silva Ventura por acreditar no meu potencial e que contribuem na minha formação humana e profissional. Hoje a mulher que sou devo a vocês. Obrigado por todo esforço e dedicação.

A minha família, em especial aos meus irmãos, Lucas Vieira da Silva e João Vitor da Silva Ventura por estarem comigo me apoiando e acreditando em mim.

Ao meu namorado, João Victor da Silva Dias que nesse tempo me apoiou e incentivou quando tanto pensei em desistir. Gratidão eterna!

A minha irmã de consideração, Tainá Bernardo da Silva, que durante um tempo fez parte da minha jornada acadêmica, e tanto me ajudou a enfrentar situações da vida e do curso.

Aos meus amigos da Renovação Carismática Católica que estiveram comigo chorando, orando e sorrindo nesse tempo de caminhada, e de forma direta ou indiretamente me ajudaram. Muito obrigado.

Aos meus colegas de turma, que entre tapas e beijos, vencemos cada etapa do curso.

A minha orientadora Noélia Rodrigues dos Santos, pela paciência e dedicação durante o percurso até a reta final do Trabalho de Conclusão de Curso.

Muito obrigado a cada um de vocês, Deus os abençoe imensamente.

RESUMO

O presente trabalho aborda a perspectiva de crianças referente as configurações familiares e a afetividade, a partir do contexto que estão inseridas. Este estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa, caracterizando-se como estudo de caso. A pesquisa foi realizada com 10 crianças participantes do projeto Transformar da Associação Nossa Senhora do Rosário em Delmiro Gouveia-AL, uma localidade com maior vulnerabilidade econômica. O estudo tem por objetivo analisar os sentimentos afetivos das crianças por meio dos desenhos e a forma que estas reagem com as novas configurações familiares. No suporte teórico contou-se com Ariès (1981), Priore (2010), Gil (2012), Dessen e Polonia (2007), Oliveira (2011), Pizzi (2008), e outros autores que foram fundamentais para a compreensão dos aspectos históricos da família e do desenvolvimento da criança mediante a afetividade familiar. O trabalho ressalta os novos modelos familiares, o papel da afetividade no desenvolvimento da criança e as influencias familiares na aprendizagem infantil. Diante da discussão e das análises dos desenhos, oficinas e cartas conclui-se que a afetividade é percussora para a construção de identidade das crianças, e que as novas configurações familiares são tratadas com naturalidade, pois algumas delas já fazem parte do cotidiano das crianças.

Palavras-chave: Configuração familiar. Afetividade. Crianças.

ABSTRACT

The present work addresses the children's perspective regarding family configurations and affectivity, from the context they are inserted. This study is configured as a qualitative research, characterized as a case study. The research was carried out with 10 children participating in the project Transformar, of the Nossa Senhora do Rosário Association in Delmiro Gouveia - AL, a location with greater economic vulnerability. The study aims to analyze children's affective feelings through drawings and the way they react with the new family configurations. Theoretical support included Ariès (1981), Priore (2010), Gil (2008), Dessen and Polonia (2007), Oliveira (2011), Pizzi (2012), and other authors who were instrumental in understanding the aspects family history and child development through family affectivity. The work highlights the new family models, the role of affectivity in the child's development and the family influences on child learning. In view of the discussion and analysis of the drawings, workshops and letters, it is concluded that affection is a precursor to the construction of children's identity, and that new family configurations are treated naturally, as some of them are already part of the children's daily lives.

Keywords: Family configuration. Affectivity. Children.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Roda de conversa sobre família.....	39
Figura 2 – Recortando a imagem da revista.....	40
Figura 3 – Recortando a imagem da revista.....	40
Figura 4 – Recortando a imagem da revista.....	41
Figura 5 – Desenho da Flávia.....	41
Figura 6 – Carta de Flavia para a mãe.....	42
Figura 7 – Desenho do Artur.....	43
Figura 8 – Carta de Artur para a mãe.....	43
Figura 9 – Desenho de Ana Liz.....	44
Figura 10 – Carta de Ana Liz para o pai.....	44
Figura 11 – Desenho de Maria Clara.....	45
Figura 12 – Carta de Maria Clara para a mãe.....	45
Figura 13 – Desenho de Bárbara.....	46
Figura 14 – Carta de Bárbara para a mãe.....	46
Figura 15– Desenho de Carlos.....	47
Figura 16 – Carta de Carlos para a mãe.....	48

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA FAMÍLIA: DO MODELO MEDIEVAL AS CONFIGURAÇÕES ATUAIS	13
2.1 Contextualizando a família atual.....	15
2.2 As novas configurações familiares	17
2.2.1 Família monoparental.....	19
2.2.2 Família Mosaico/Pluriparental	20
2.2.3 Família Tradicional/Matrimonial.....	22
2.2.4 Família anaparental.....	23
3 REFLEXÕES DO PAPEL DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	24
3.1 O primeiro ambiente de socialização da criança	25
3.2 O vínculo afetivo como precursor para a formação da identidade humana	27
3.3 O cuidado como condutor para a aprendizagem e desenvolvimento da criança	29
4 O OLHAR DA CRIANÇA MEDIANTE AS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES E O VALOR AFETIVO.....	33
4.1 Percurso metodológico.....	33
4.2 Conhecendo a Associação e os participantes da pesquisa	35
4.3 Descrições das oficinas.....	37
4.4 Análises de dados	39
CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIA.....	52
APÊNDICE A	56

1 INTRODUÇÃO

Discutir assuntos sobre família é um desafio diante da realidade atual, porém essencial para a sociedade. A entidade familiar é tão importante que Jesus Cristo quis nascer dentro de uma família. Outras religiões também atribuem um papel significativo a família na sociedade, a exemplo, para o budismo a família oferece a prática do crescimento espiritual e da dignidade humana, o amor, a compaixão, a generosidade.

Encontramos portanto, nas realidades familiares, pessoas com diversas características, crenças, preceitos, padrões, que as constituem. E a afetividade também faz parte da construção familiar. Na relação afetiva a criança aprende e se desenvolve, pois o ambiente familiar a qual está inserida contribui no seu desenvolvimento psicológico, emocional, físico e entre outros. Oliveira (2011, p. 129) afirma que a família “é o principal elemento de determinação do desenvolvimento humano”.

No entanto, é preciso pensar como as crianças analisam as novas configurações familiares e o vínculo afetivo, a partir da realidade delas. Por isso, o presente trabalho surgiu com o intuito de conhecer as perspectivas das crianças sobre o assunto.

Nesse sentido, o trabalho caracteriza-se como qualitativo e estudo de caso. Foi realizado na Associação Beneficente Nossa Senhora do Rosário, em Delmiro Gouveia-AL. Para a coleta de dados utilizamos duas oficinas, uma ocorreu no mês de abril e a outra em junho.

A estrutura do trabalho é dividida em três capítulos, no primeiro capítulo abordamos a trajetória da família a partir do período medieval até a família atual, contextualizando as novas configurações presentes na sociedade. Para fundamentar esse capítulo dialoga-se com Aries (1981), Piore (2010), Szymanski (2004), Oliveira (2011), entre outros.

No segundo capítulo enfatizamos o papel da família para o desenvolvimento humano, sua importância como mediadora entre a criança e a sociedade. Visto que, a afetividade contribui na formação da criança; e o cuidado como precursor para a aprendizagem e desenvolvimento, fundamentamos com os autores Oliveira (2009), Dessen e Polônia (2007), Balbani (2011), Hoffman (2001), entre outros.

Concluindo, o terceiro capítulo traz um levantamento de dados por meio de desenhos, observações e uma carta escrita para o familiar que eles escolheram. Na

pesquisa contamos com 10 crianças participantes da Associação Beneficente Nossa Senhora do Rosário, onde analisamos as perspectivas das crianças sobre a família, especificamente sobre as novas configurações e a afetividade familiar. Para análise e discussão desse capítulo, utilizamos os autores Minayo (1994), Duarte (2011), Vecchiatti (2008), Merleau e Ponty (2006), entre outros.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA FAMÍLIA: DO MODELO MEDIEVAL AS CONFIGURAÇÕES ATUAIS

A família é considerada um dos pilares mais importantes para o ser humano, principalmente na sociedade atual, mas nem sempre foi assim. A família enfrentou diversas transformações morais, econômicas, culturais e de poder, as quais não foram todos significativamente positivos.

A família pode ser considerada a unidade social mais antiga do mundo, não possível datá-la especificamente. Antes do século XV, a família possuía suas formas de lidar com as crianças, com os parentes, a maneira que a casa era governada, com as diferenças de poder dos genitores sobre o ambiente familiar (ARIES, 1984). No entanto, podemos compreendê-la e observar sua evolução a partir de alguns pontos históricos. Um texto italiano, extraído pelo historiador inglês Furnival é citado por Ariès (1984, p.154) em que:

A falta de afeição dos ingleses manifesta-se particularmente em sua atitude com relação as crianças. Após conservá-las em casa até a idade de sete a nove anos (em nossos autores antigos, sete anos era a idade em que os meninos deixavam as mulheres para ingressar na escola ou no mundo dos adultos), eles as colocam, tanto os meninos como as meninas, nas casas de outras pessoas, para aí fazerem o serviço pesado, e as crianças aí permanecem por um período de sete a nove anos (portanto, até entre cerca de 14 e 18 anos). Elas são chamadas então de aprendizes. Durante esse tempo, desincumbem-se todas as tarefas domésticas. Há poucos que evitam esse tratamento, pois todos, qualquer que seja sua fortuna, enviam suas crianças para casas alheias, enquanto recebem em seu próprio lar crianças estranhas.

O que seria crueldade para os cidadãos atuais, naquela época não passava de naturalidade. Não havia relação de afeto dos pais com as crianças. Na verdade as crianças não eram o centro do lar. Pensava-se que, em outras casas, com outras pessoas aprenderiam a servir melhor, de fato, o intuito era que as crianças aprendessem boas maneiras. Assim, o serviço doméstico se associava com aprendizagem. “Era através do serviço doméstico que o mestre transmitia a uma criança, não ao seu filho, mas ao filho de outro homem, a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir” (ARIÈS, 1984, p.189). Nisto, até o século XVIII o servir a mesa foi classificado como boa educação para aprendizagem, pois não bastava comporta-se, tinha que saber servir (ARIÈS, 1984, p.189).

No Brasil, no século XVIII predominava-se ainda a separação dos homens brancos entre os negros escravos, que ficavam com os trabalhos pesados, precários, abandonando muitas vezes seus familiares, já que o excesso da carga horária de trabalho, as mudanças do local, impedia que os homens dessem maior atenção aos seus filhos. Mas, isso não acontecia somente com os filhos de escravos, até mesmo com homens livres, brancos, não havia uma relação maior do pai com o filho, deixando assim a mulher responsável pela criança, com elas tinham maior contato na infância, “(...) sobretudo as crianças negras se viam, em parte ao menos, afastadas de um constante convívio paterno e mesmo masculino” (PRIORE, 2010, p.112).

Sem o vínculo do afeto, as crianças possuíam um papel insignificante na família, eram desvalorizadas e tratadas como mini adultos¹, pois a família era moral e social, menos afetiva. Porém, tudo começa a mudar com a educação escolar. As crianças que antes eram levadas para morar com outras famílias, como forma de aprendizagem, passariam a ser reconhecidas no ambiente familiar.

Já no início do século XVII, a escola deixou de ser reservada somente aos clérigos e passou a ser dispositivo de educação para todas as crianças. No entanto, devido ao colégio ter uma determinada distância das casas e ser poucos na época, o acesso a todas as crianças não era possível. Logo mais tarde começou a se pensar na sua expansão alcançando mais crianças (ARIÈS, 1984, p.159). Assim, esse processo aconteceu pensando em manter a inocência da criança e não em torná-la mais um mini adulto. Foi então nascendo essa relação de afeto, os pais queriam ficar mais perto dos seus filhos, e não mais abandoná-los aos cuidados de outras famílias. “Ao mesmo tempo em que nascia a escola, nascia o afeto familiar, concentrando-se na criança, ou pelo menos no hábito de educar a criança na escola” (ARIÈS, 1984, p.159).

Nessa mesma época as crianças tinham funções, já não eram desvalorizadas em si, participavam das festas e gozavam do afeto dos seus, sendo elas a continuação da família. As funções da criança nas festividades eram principalmente na música como explica Priore (2010, p. 125),

Jovens e crianças participavam das bandas e dos grupos musicais que tocavam nas festas e cerimonia religiosas(...), era uma sociedade na qual a função auditiva tinha um grande papel(...). Desde o tempo dos jesuítas se valorizava a participação de crianças nas ceremonias e nas festas religiosas

¹ Ariès (1984) refere-se a maneira que as crianças eram vistas no século XVI, com vestimentas e comportamentos semelhantes aos adultos.

como um meio de atraí-las para o catolicismo. (...). De resto, pessoas de todas as cores e categorias tomavam parte integrante nas procissões, festas e comemorações.

Assim, a criança tomava espaço em meio aos adultos, mas agora não como mini adultos, mas como crianças que possuem infância, sendo que sua morte ainda não era encarada como uma tragédia, e sim um acontecimento na qual poderiam substituir aquela criança por outras (ARIÉS, 1984).

A família começa então a dar passos em direção ao núcleo familiar, e não somente a sociedade. No entanto, a família do século XVIII não era como a família moderna, sendo ela concentrada mais na sociedade e não no núcleo familiar. A família moderna se atualiza no seu papel enquanto pai, mãe e filhos. Ariés (1984, p.189) destaca que a família:

Separa-se do mundo e opõe à sociedade o grupo solitário dos pais e filhos. Toda energia do grupo é consumida na promoção das crianças, cada uma em particular, e sem nenhuma ambição coletiva: as crianças, mais do que a família.

Começa então uma nova forma de estrutura familiar, vinculado ao afeto, ao cuidado, ao amor dos pais com os filhos, na educação e no ensinamento dos valores transmitido por gerações. O que seria da família sem mudanças, sem uma nova estruturação na sua formação, possibilitando maneiras diferentes de viver? O indivíduo possivelmente ficaria preso em si mesmo. As escolas, as pesquisas, as culturas, as diferenças religiosas, políticas não fariam parte da família, não seria motivo de aproximação e debates nos núcleos familiares.

O desenvolvimento da família da época medieval até a modernidade é importante para entendermos a realidade atual. Observando que nada permanece intacto, e com a família não seria diferente.

2.1 Contextualizando a família atual

Ao longo da história a família passou por diversas transformações, na sua estrutura, nas relações de afeto, na organização social e política, como já citado. Transformações positivas e negativas contribuindo na formação da família atual. Entretanto, é necessário entender o que é família e como pode ser definida. Szmanski (2004, p.07) refere-se a família como “um grupo de pessoas que convivem,

reconhecendo-se como família, propondo-se a ter entre si uma ligação afetiva duradora, incluindo um compromisso de uma relação de cuidados”.

Sua base fortalece no compromisso do cuidado e afeto para com o outro, valorizando o ser humano em todas suas especificidades. Essa relação de afeto cresce, enquanto os problemas exteriores se agravam, passando por crises severas, que tudo as envolvem. Por exemplo, quando um responsável ou mais responsáveis pelo sustento daquele ambiente familiar estão desempregados, toda família sofre. São membros de um mesmo corpo, por isso o sofrimento remete a todos. Ou, como o caso do rompimento da barragem de Brumadinho-MG², onde a lama enterrou histórias, famílias, casas, e o povo sofre. As famílias sofrem. Casos esses que a geração da fatalidade, às vezes, vem por terceiros, principalmente dos que estão no poder político, econômico, ambiental, social. Fatores exteriores podem causar uma crise interior na família, desestabilizando a harmonia do lar.

Não existe verificação que atualmente mais se ouça do que está: "a família em nossos dias passa por séria crise". Seria impossível e mesmo injusto não lembrar que há causas muitas e complexas a influir na crise atual da família. Seria injustiça negar que uma dessas causas é a crise econômica com todas as suas conseqüências: desemprego, falta de habitação, privações e por conseqüência atritos é pontos de vista diversos entre os esposos, além do crescente nervosismo, impaciência, egoísmo, etc. Tudo isto é verdade, e bem verdade (TÓTH, 1959, p.08).

É interessante observar que, este livro citado anteriormente foi escrito em 1959, ou seja, já se passaram 60 anos até a realidade atual e a família ainda enfrenta as mesmas crises. Não qualificando por maior ou menor, pior ou melhor. Mas, crises evidentes que precisam nos levar a refletir o que realmente é a família e sua importância para a sociedade. Só quem tem família de verdade, e quando falamos aqui “de verdade” é sobre a família que tem afeto, sem afeto não existe família, mas um conjunto de pessoas que se conhecem.

Essas famílias de verdade entendem que a base da humanidade é o seio familiar. É justamente na família que acontece o primeiro contato do bebê com a sociedade, todos, sem exceção pertencem a um grupo familiar. O catecismo da Igreja Católica (CIC) reafirma no parágrafo 2207 que “a família é a comunidade na qual, desde a infância, se podem assimilar os valores morais, em que se pode começar a

² Rompimento na barragem da Mina Córrego do feijão em 2019, localizada em Brumadinho, região Metropolitana de Belo Horizonte. A tragédia causou 270 mortes.

honrar a Deus e a usar corretamente da liberdade. A vida em família é iniciação para a vida em sociedade” (CIC, 1993, p.576).

Portanto, o caminho para a sociedade se faz necessário famílias estruturadas psicologicamente, emocionalmente, materialmente. Família oferece o que tem. Se há amor, provavelmente as crianças serão amorosas, se há uma boa alimentação as crianças tendem a ser bem nutridas, se há brigas as crianças podem desenvolver timidez excessiva ou agressividade. Portanto, famílias desestabilizadas possivelmente não contribuirá para a formação de bons cidadãos. Na vida se tem escolhas individuais, e a família faz parte desse processo de desenvolvimento do indivíduo.

Entretanto, novas configurações familiares são cada vez mais presentes atualmente. Já não se define somente família pela união de um homem e uma mulher com o nascimento do(s) seu(s) filho(s). Mas há diferentes configurações familiares porque são inúmeras as combinações e interações entre os indivíduos, há famílias recasadas, tradicional, monoparentais, dentre outras configurações. E esses padrões familiares vão se modificando com o tempo. Ficando claro que não é a estrutura familiar que denomina o que é família, mas a relação de afeto que perfaz entre os indivíduos.

2.2 As novas configurações familiares

Atualmente a família está se reconfigurando, saindo do modelo padrão (pai, mãe e filhos) para novas dimensões familiares, como já afirmamos. A partir do momento que as pessoas mudam, a sociedade transforma-se, é uma mudança constante trazendo pontos positivos e negativos que influenciam desde a criança pequena ao idoso. Mudança essa, decorrente do indivíduo que está em constante processo de transformação, contribuindo para a formação das crianças, que chegam a um mundo dotado de valores pré-definidos, costumes, culturas, e ao serem inseridos tornam-se atuantes na sociedade, construindo e reconstruindo aquilo que lhes é imposto.

É na família que a criança encontra os primeiros “outros” e com eles aprende o modo humano de existir. Seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito. Essa cultura familiar que lhe é específica apresenta-se impregnada de valores, hábitos, mitos, pressupostos, formas de sentir e de interpretar o mundo(...) (SZMANSKI, 2004, p.07).

Nessa nova construção, a carta constitucional promulgada em 1988 apresentou uma nova estrutura familiar, possuindo direitos que devem ser respeitados. O artigo 226, parágrafo 3 e 4 e 227, §6 diz que:

Art.226. A família base da sociedade, tem especial proteção do estado.
 §3- para efeito da proteção do estado é reconhecido a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.
 §4: entende-se, também como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.
 Att 227, 6§: Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificação, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas a filiação (BRASIL, 1998, p. 46).

Sendo assim, o direito da família se modifica a partir das transformações sociais e culturais, que ao ser legalizada cria novas estruturas familiares. Com isso, os direitos devem acompanhar as transformações que as famílias sofrem, pois ao contrário ficaríamos a mercê do preconceito e indiferença, já que estamos em constante mudança.

O código civil de 2002 trouxe também mudanças referentes ao direito da família, a exemplo, o afeto atualmente tornou-se um valor jurídico, mesmo o filho não sendo biológico possui os mesmos direitos do filho biológico, considerando diversos arranjos familiares, entre outros princípios e normas constitucionais.

(...) as alterações introduzidas visam preservar a coesão familiar e os valores culturais, conferindo-se a família moderna um tratamento mais consentâneo a realidade social atendendo-se as necessidades do prole e de afeição entre os cônjuges e os companheiros e aos elevados interesses da sociedade (GONÇALVES, 2005, p.06).

Essas transformações são significantes para a sociedade, transformando não só os direitos da família, mas também as relações afetivas estão sujeitas a modificações. Hoje em comparação a 100 anos atrás, os pais estão mais próximos dos seus filhos afetivamente. O diálogo sobre questões sexuais, afetivas, profissionais, religiosas é mais comum, já não há tantos tabus. Por ser a família o primeiro contato que a criança tem, é necessário que haja essa relação de diálogo, ensinamentos, correções, pois

No ambiente familiar, a criança aprende a administrar e resolver conflitos, a controlar as emoções, a expressar os diferentes sentimentos que constituem as relações interpessoais a lidar com as diversidades e adversidades da vida (WAGNER; RIBEIRO; ARTECHE; BORNHOLDT, 1999 apud DESSEN; POLONIA; 2007, p.23).

Nesse contanto, a criança provavelmente irá desenvolve-se enquanto indivíduo, conhecendo sua realidade, seus sentimentos e emoções. Fator importantes para sua construção de identidade.

Entretanto, antes da constituição de 1988, o direito da família perante o código civil de 1916 tinha apenas dois formatos, a família heteroparental legalizada pelo primeiro casamento e o concubinato³. Mas, em meados do século XX, especificamente em 1988, com a constituição federal e o código civil de 2002, a família ganha novas formas e garantias, algumas delas são: monoparental, pluriparental, tradicional e anaparental.

2.2.1 Família monoparental

Novos arranjos familiares vêm surgindo ao longo dos anos e tornando parte da sociedade de uma forma legalizada. Antigamente, esse modelo de família não era legalizada, sofriam então mais preconceitos por parte da sociedade. Independentemente da situação, o preconceito com a família monoparental existia e, infelizmente existe até hoje. A família monoparental é formada pela mãe ou pai com a responsabilidade de educar e cuidar das crianças. Moraes (2014, p.2) define como:

A definição de famílias monoparentais se dá conforme suas características: a não convivência dos pais e a existência de filhos dependentes. Famílias monoparentais são estruturas familiares em que o pai ou a mãe, que não vive com companheiro ou cônjuge, é responsável pelo cuidado dos filhos menores de 18 anos.

Esse novo contexto familiar é cada vez mais frequente na sociedade atual. A Constituição Republicana de 1988 define a monoparentalidade como família no artigo 226, no parágrafo 4 em que “entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes” (BRASIL, 1988, p.46). O reconhecimento dessa “nova” configuração familiar na constituição é de suma importância para o povo brasileiro, demonstrando as conquistas obtidas nas lutas pelos direitos do núcleo familiar.

As famílias monoparentais, enfrentam desafios constantes, principalmente quando estão sujeitas a pobreza ou a uma renda familiar baixa. E quando é a mulher

³ Expressão utilizada para pessoas que após a separação do casamento, formou uma outra união.

a responsável pela casa em todos os aspectos, fica ainda mais vulnerável. Moraes (2014, p. 06) explica que

Das condições de vida das famílias monoparentais chefiadas por mulheres (...) que além da situação de pobreza em que vivem, apresentam-se sobrecarregadas. Seja porque não têm com quem dividir os custos do sustento e da reprodução, seja por não serem atendidas pelos serviços públicos de apoio, também pelas responsabilidades que os benefícios de transferência de renda as colocam e ainda porque enfrentam uma dupla jornada de trabalho: assalariado e doméstico.

Infelizmente, isso é a realidade cruel de muitas famílias, principalmente quando a mulher é responsável por todo ambiente familiar, além da dupla jornada de trabalho, existe algo mais importante, a educação do filho, não o escolar apenas, mas os valores morais, o afeto, o está presente e favorecer o desenvolvimento psicológico, emocional, físico da criança.

Em seu estudo Melo e Marin (2016), sobre a influência das composições familiares monoparentais no desenvolvimento da criança, realizaram uma pesquisa de seis artigos de janeiro de 2010 a abril de 2015, sobre a influência das famílias monoparentais no desenvolvimento da criança, especificamente quando é a mulher responsável pelo lar familiar. Uma das discussões é o divórcio dos pais quando as crianças ainda são pequenas. O estudo aponta que a ausência do pai afeta o desenvolvimento da criança em diferentes áreas da sua vida (MELO; MARIN, 2016).

São consequências da separação do casal, a cada família uma sequela diferente, mas que podem ser revertidas com a maior participação dos pais na vida dos filhos, assim os resultados negativos no desenvolvimento da criança seriam menores após a separação (MELO; MARIN, 2016). Por isso é importante a presença dos pais, mesmo depois da separação.

Já em relação as mães solteiras, o que elas precisam é de apoio governamental e familiar, pois “possuíam mais dificuldades devido à baixa renda e os altos índices de estresse, apresentavam a necessidade de maior apoio social” (MELO; MARIN, 2016, p.9), o que iria contribuir na aproximação com os filhos. Assim, as famílias monoparentais independentemente como ela é formada, é uma família guerreira tentando superar os desafios ainda presentes na atualidade e que necessitam do apoio do governo público.

2.2.2 Família Mosaico/Pluriparental

Esse novo núcleo familiar está ganhando espaço na sociedade. Ultimamente, tornou-se mais comum a separação de casais formados a partir do casamento ou da união estável. Quando ocorre a separação do casal com filhos, e após a separação casa-se com outra pessoa, aquela família recebe uma madrasta ou padrasto. Podendo ocorrer também a junção de filhos morando sobre o mesmo teto, caso um dos cônjuges tenha filhos de outros relacionamentos. As vezes jovens casam cedo, relacionamentos que não foram construídos no afeto, ou outras situações que desgastaram o companheirismo, e por serem ainda jovens, alguns optam por conhecer outra pessoa e formam uma nova família, a família mosaico.

As famílias pluriparentais, também conhecidas como famílias mosaicos, famílias patchwork (Alemanha), famílias ensambladas (Argentina), step-families (Estados Unidos), familles recomposées (França), representam o mais novo e desafiante modelo familiar já conhecido pelo Direito de Família (FERREIRA; RORHMANN, 2014, p.02).

Contudo, as famílias mosaicas não perdem o direito aos seus filhos, o código civil de 2002 garante, na Lei nº 10.406 de 10 de Janeiro de 2002, o art. 1.636, diz que “o pai ou a mãe que contrai novas núpcias, ou estabelece união estável, não perde, quanto aos filhos do relacionamento anterior, os direitos ao poder familiar, exercendo-os sem qualquer interferência do novo cônjuge ou companheiro” (BRASIL, 2008, p. 346).

É direito dos pais acompanhar os filhos no crescimento, educação, cuidados, por mais que tenham padrasto ou madrasta. São os pais responsáveis por uma educação de qualidade, não só no quesito ler e escrever, mas também moral, intelectual, social, juntamente com o novo cônjuge, mantendo uma relação de convivência fraterna.

Infelizmente, em algumas situações, a separação não é bem assimilada por um dos conjugues, podendo ou não cometer violência. Às vezes, pode-se pensar que o mundo não tem jeito, que a violência, assassinatos não cessarão, mas a esperança em dias melhores deve ser o motivo de viver todos os dias, acreditar que um dia haverá paz no mundo inteiro, à medida que vamos construindo a sociedade.

Retratando a família mosaico, no início da aproximação familiar de um novo cônjuge é comum ouvir “o esposo da minha mãe”, “a companheira do meu pai”, enquanto não se estabelece um papel concreto do novo membro na família.

(...) nas famílias reconstituídas o lugar do pai ou da mãe afim tem variado segundo a sua origem. Se fundado em razão da morte de um dos genitores, aqueles cumprem um papel de substituição, *in loco parentis*. Se fundado decorrentemente de uma situação de separação, estando presente o casal parental, as expectativas das funções dos pais afins se modificam. Diante de um dos genitores presentes, os pais afins não substituem estes, principalmente se ambos têm efetiva participação na criação e educação dos filhos; dá-se aqui a lógica da perenidade, onde se mantém o laço parental original na reconstituição da família. A contrário, diante de um genitor ausente, desinteressado das funções parentais, pode dar-se a lógica da substituição, por se encontrar vago o lugar do pai ou da mãe. Nesta hipótese há menos a conciliar (GRISARD FILHO, 2001 apud FERREIRA, 2004, p. 669).

Portanto, a formação dessa nova família, não é definida pela consanguinidade, mas pela relação de afeto, proximidade, respeito, dedicação que conseqüentemente existirá entre seus membros. Este é o elemento central, o afeto. Pois, a existência da árvore genealógica não faz parte exclusivamente da família pluriparental, uma vez que é estruturada sobre diferentes parentescos, podendo ter três avós, um pai e um padrasto, duas mães, meios irmãos, entre outros, e assim o direito jurídico tutelar torna-se múltiplo.

2.2.3 Família Tradicional/Matrimonial

No contexto familiar tradicional encontra-se o pai, a mãe e seus filhos. Advindos de valores morais, culturais, religiosos como qualquer outra família. Mas por ser a primeira família legalizada pelo Estado e considerada “a correta” por alguns anos, obteve maior espaço na sociedade. O Código Civil de 2002, reconhece como entidade familiar em seu Art. 1.723, afirmando que: “é reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família” (BRASIL, 2008, p. 362).

A família é uma base importante para a educação dos filhos, independente como a família seja formada, o que importa são os valores éticos, morais, de caráter positivo que ajudarão a formar um bom cidadão. Pessoas unidas pelo casamento com o propósito de construir um mundo mais fraterno.

Não seria correto afirmar que a família tradicional é única e verdadeira, mas não se pode excluí-la, esquecer-la, menosprezá-la, pois é também uma forma de ser família. Antigamente, tinha uma estrutura patriarcal, biológica, institucional,

heteroparental, que se modificou ao longo dos anos. Quantas famílias tradicionais não tem mais o poder patriarcal, sendo a mulher dominante no lar, no trabalho, com os filhos, ou o casal tomam decisões juntos. Famílias matrimoniais que mesmo com filhos biológicos decidem adotar outros. A constituição deixou de considerá-la única, abrangendo para a família informal, monoparental, pluriparental entre outras que estão ocupando espaço na sociedade.

2.2.4 Família anaparental

A família anaparental é composta sem a presença dos pais, por exemplo, irmãos que vivem juntos formam uma família anaparental. Os dois ou mais irmãos sobre o mesmo teto constituem uma relação de afeto, a proximidade cresce com o zelo e o cuidado que um tem para com o outro. Fator importante para uma família anaparental. Entretanto, não corresponde somente a pessoas com laço biológico, outras formas corresponde a formação desse tipo de família.

Por pessoas que convivem em uma mesma estrutura organizacional e psicológica visando a objetivos comuns, sem que haja a presença de alguém que ocupe a posição de ascendente. Têm-se como exemplos dois irmãos que vivem juntos ou duas amigas idosas que decidem compartilhar a vida até o dia de sua morte (BAPTISTA, 2014, p.23).

Nesse processo, ocorre quando duas pessoas decidem viver sobre o mesmo teto de forma permanente, baseada no vínculo afetivo, este é o principal fator para a construção familiar. No entanto, não é possível encontrar a família anaparental expressa na Constituição da República Brasileira.

3 REFLEXÕES DO PAPEL DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A família tem grande relevância na formação do ser humano, na sua aprendizagem e desenvolvimento. Sem a família ficariam vazios na alma, porque os seres humanos querem ser amados, desejados, receber e fazer carinho, estar junto e saber que tem alguém a quem contar, pois “das múltiplas formas e desenhos que a família contemporânea apresenta, se constitui em um canal de iniciação e aprendizado dos afetos e das relações sociais” (CARVALHO, 2002 apud OLIVEIRA, 2009, p. 83). É necessidade do ser humano se relacionar, ser família.

Desde pequeno queremos e desejamos sentir o amor de mãe, pai ou de outro parente próximo, o coração anseia por isso. O desejo de casar para alguns, de construir uma família para outros ou pelo menos de estar com alguém para levar a vida. A necessidade de ter parentes ou amigos para comemorar o natal, ano novo, carnaval, São João entre outros, faz parte da nossa afetividade humana. Mattos (2008, p. 177) afirma que,

A afetividade pode traduzir-se por afeição a alguém, de simpatia, de amizade que faz um relacionamento ter cumplicidade. É a sensação psíquica de bem-estar com o outro, com a propensão de ser impressionado pelo outro.

Portanto, a família enquanto processo na construção da afetividade, precisa saber seu papel, principalmente nos tempos atuais, onde valores estão sendo distorcidos, a indisciplina cada vez mais presente nas escolas e famílias, a violência cresce, e famílias são destruídas. Família trata-se de carinho, correção, ensinamento, transmissão de valores, cuidado físico e intelectual para com todos que a compõem, principalmente as crianças.

Quando pensamos em um mundo melhor, é necessário pensar como estamos educando nossas crianças. A criança também aprende aquilo que a ensinam, seja em casa, na escola, com os amigos, no bairro e entre outros. Porquanto, a aprendizagem nessa fase contribui especificamente na formação intelectual, moral, social e física da criança. Não é uma regra, mais a maioria de bons cidadãos saem de boas famílias, que desde pequenas receberam afeto, carinho, cuidado de forma equilibrada e coerente, por isso se faz necessário pensar sobre o papel da família nos dias atuais, como tem contribuindo no desenvolvimento das crianças e na formação dos cidadãos.

De acordo com o Art.3 do Estatuto da Criança e do adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990).

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei, ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 2017, p.10).

Dessa forma, a criança não é tratada pela lei com indiferenças, mas possuindo o mesmo valor de um adulto ou idoso, a qual assegura proteção e cuidado para aprendizagem e desenvolvimento da mesma. Retratando a aprendizagem da criança Coll, Marchesi e Palacios (2004) ressaltam que a velocidade de processamento da criança de dois a três anos até sua vida adulta é melhor, conseguindo à medida que cresce manter mais unidade de informação e memória no que está exercendo. Demonstrando assim que a criança é um ser participativo da sociedade.

Contudo, a família deve assegurar o desenvolvimento integral da criança, reconhecendo seus direitos e a importância de uma formação de qualidade para um mundo mais fraterno, pois, do mesmo modo que os adultos, as crianças e os adolescentes tem direitos que precisam ser respeitados e cumpridos. Mas, não é direito somente da família, o Estado tem um poder qualitativo nessa formação, agindo na educação escolar, referente a sua estrutura, organização, qualificação dos professores, alimentação, fatores esses que possibilitam um desenvolvimento significativo para a criança. Segue também no quesito segurança do trânsito, saúde, saneamento básico, cuidados patrimoniais, fatores esses e dentre outros que o Estado assegura o desenvolvimento e a aprendizagem infantil.

3.1 O primeiro ambiente de socialização da criança

Quando a criança nasce automaticamente está inserida em uma família que tem cultura, valores, grau escolar, com baixa ou alta renda financeira, e outros fatores que a cercam. É ao nascer que acontece o primeiro contato com a criança no meio social. Nesse sentido, Dessen e Polônia (2007, p.22) afirmam que o primeiro ambiente de socialização da criança é a família, atuando como mediadora entre a criança e a sociedade.

Por ser ela a mediadora na formação do indivíduo, a família deve estar presente em todos os momentos do desenvolvimento da criança. Mas, algumas vezes

encontramos pais ausentes na educação dos filhos; no seu crescimento físico; no processo de construção de identidade; na relação afetiva, entre outros. Entretanto, essa distância/ausência familiar prejudica uma educação de qualidade para a formação inicial da criança. Por exemplo, Melo e Marin (2016), “assinalou que a ausência do pai afeta o desenvolvimento infantil em diferentes domínios como o acadêmico, o social e o afetivo”.

A criança se desenvolve à medida que cresce e aprende aquilo que é incentivada a apreender, nesta construção de identidade, ocorre a aprendizagem de diferentes modos, com base na cultura familiar que ela está inserida. É a família a mediadora da aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana(...) (DESSEN; POLÓNIA, 2007, p. 22)

Como relatado, a família pode contribuir na aprendizagem do indivíduo de forma significativa ou não, construindo uma ponte para a inserção do mesmo na sociedade. Mas, não podemos resumir aprendizagem em conteúdos escolares, aprender está além da formação escolar e ocorre de diferentes modos a partir da cultura, da família, da localidade, entre outros. A criança aprende aquilo que os pais ensinam, desde pequena, seja a caminhar, a comer, a respeitar, a pedir a benção, é nessa aprendizagem familiar que desenvolverão aspectos cognitivos, emocionais e físicos.

Não podemos aniquilar a importância também do ambiente escolar como meio social para o desenvolvimento da criança, onde ocorrerá outras interações sociais possibilitando a aprendizagem.

Nos anos do ensino fundamental se consolida o protagonismo dos iguais como agentes socializadores. As crianças passam mais tempo juntas, com menos supervisão dos adultos, as relações de amizade se tornam mais intensas, os grupos costumam estar formados por mais membros, mais diversificados e coincidindo em contextos e situações diferentes (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004, p.288)

Essa fase é de extrema importância, provocando uma formação madura e eficaz para a criança, a partir da supervisão da escola e dos pais. Enquanto indivíduos sociais estão sujeitos a aprendizagens positivas e negativas dentro da escola. Dessen

e Polônia (2007, p.22) explicam que a família e a escola são “instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social”.

3.2 O vínculo afetivo como precursor para a formação da identidade humana

Ao longo dos anos, observou-se que a família passou por diversas modificações conceituais. Desde o código civil de 1916 até a constituição de 1988. Antes o poder paterno predominava, como já citado, não tinham direito ao divórcio, a afetividade familiar era um descaso. E nas transformações decorrentes é possível observar mudanças significativas. A própria Constituição foi alterada com a evolução da sociedade, afirmando o amor como norteador para a constituição da família.

A Constituição brasileira consagra o princípio de que o amor familiar representa o elemento formador da família contemporânea, visto que se não é alguma formalidade que gera a entidade familiar juridicamente protegida, então só pode ser o sentimento de amor, aliada a comunhão plena de vida e interesses, de forma pública, contínua e duradoura, o que forma a entidade familiar protegida pela Constituição Federal (VECCHIATTI, 2008, p. 215).

Tratar de família não é estruturá-la como um vínculo biológico somente, mas um vínculo afetivo, proveniente ou não de uma união humana. Por isso, é na família que a criança aprenderá valores, será educada e respeitada. Quantas crianças adotadas são educadas de forma sensata, sem preconceitos, discriminação, abusos e violências, educadas em lares de união afetiva com pessoas do mesmo sexo, ou com os avós, irmãos, primos ou tios. Independentemente do parentesco o vínculo afetivo é precursor para a formação de identidade do indivíduo.

Coll, Marchesi, Palacios (2004) apresentam como fator do desenvolvimento e autonomia do adolescente a relação de afeto com os pais, compreendendo sua individualidade e favorecendo uma conversa sadia de troca de opiniões, tão necessária na modernidade. Porquanto, o adolescente experimenta diversas culturas e ações no seu entorno, fazendo com que sua identidade seja construída, mesmo não ocorrendo somente afeto entre aqueles que fazem parte da sua vida, as mágoas, raivas, brigas também são formas de aprendizado, e ajudam na formação da sua identidade, a quais não sejam excessivas e agressivas.

Crianças que são amadas e desejadas desde a gestação, podem sentir da mãe o afeto. Segundo Pizzi (2012) a afetividade é a primeira etapa da criança ao nascer. Para aquelas famílias que são formadas por homem e mulher e conseqüentemente surge uma gestação, o amor floresce mais ainda neste momento, principalmente quando o bebê é desejado durante a gravidez.

Entretanto, é de suma importância acrescentar que uma criança adotada, mesmo não sendo amada na gestação, ou não conhecendo os pais biológicos, ela pode ser amada e sentir-se amada. O vínculo afetivo quebra barreiras, constrói pontes, une pessoas. O estatuto da criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990) afirma que:

Art. 41. A adoção atribui a condição de filho ao adotado, com os mesmos direitos e deveres, inclusive sucessórios, desligando-o de qualquer vínculo com pais e parentes, salvo os impedimentos matrimoniais.

§ 1º Se um dos cônjuges ou concubinos adota o filho do outro, mantêm-se os vínculos de filiação entre o adotado e o cônjuge ou concubino do adotante e os respectivos parentes.

§ 2º É recíproco o direito sucessório entre o adotado, seus descendentes, o adotante, seus ascendentes, descendentes e colaterais até o 4º grau, observada a ordem de vocação hereditária (BRASIL, 2017, p.12).

Nisto, não cabe a sociedade preconceitos referentes a crianças que são filhos por adoção ou consanguinidade, todos possuem os mesmos direitos e obrigações na entidade familiar.

Atualmente, os pais demonstram amor pelos filhos, ou alguns deles, há cuidado, zelo, preocupação, atenção, que antigamente não tinha ou pelo menos não demonstravam. No entanto, há pontos negativos também, crianças que são abandonadas, maltratadas, espancadas pelos próprios pais ou responsáveis, e que possivelmente na adolescência tornam depressivas, agressivas, medrosas, sua formação intelectual fica distorcida, caso a família seja desestruturada. Dessen e Polônia (2007) enfatizam a influência do pai enquanto construtor da identidade da criança e explicam que:

As figuras parentais exercem grande influência na construção dos vínculos afetivos, da auto-estima, autoconceito e, também, constroem modelos de relações, que são transferidos para outros contextos e momentos de interação social. Por exemplo, pais punitivos e coercitivos podem provocar em seus filhos comportamentos de insegurança, dificuldade de estabelecer e manter vínculos com outras crianças, além de problemas de risco social na escola e na vida adulta (VOLLING; ELINS, 1998 apud DESSEN; POLONIA, 2007, p.24).

Portanto, a influência paternal é de grande valor na educação das crianças enquanto se desenvolvem. Nessa relação de afeto a ausência paterna pode provocar resultados negativos na vida das crianças, por isso é importante pensar maneiras de reeducar famílias que não tiveram uma boa educação escolar ou familiar durante sua construção de identidade.

De acordo com Freire (2005, p. 29) “não há educação sem amor” e “quem não ama não compreende o próximo”. O amor precisa fazer parte das escolas, mas não somente delas. Nas famílias a relação de afeto para melhor compreender o próximo, e assim serem transformadas, voltarem a sonhar mais, a ter esperança, a amar e cuidar. A sociedade precisa de mais amor, de construção de pontes.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (2009, p.10) no artigo 16, afirma que “a família é o núcleo natural e fundamental” para a formação da sociedade. A própria Constituição legaliza o valor afetivo para a formação da família, não somente a família formada pelo casamento, mais abrindo espaço as famílias monoparentais, mosaicas, entre outras. Levando em consideração a promoção da dignidade humana.

3.3 O cuidado como condutor para a aprendizagem e desenvolvimento da criança

Pensar em criança é trazer a mente várias preocupações e cuidados, principalmente nas primeiras fases da vida, na qual o desenvolvimento integral da criança depende do adulto, exigindo do mesmo atenção, garantia de bem-estar e segurança. Pensando nisso, o cuidado com a criança não foca somente a parte física, mas também os aspectos psicológicos, cognitivo, entre outros. No entanto, definir somente a família como precursora do desenvolvimento da criança seria limitado e ineficaz.

A família, como contexto de desenvolvimento, é um fenômeno muito complexo, cuja compreensão é dificultada pelo número de condições envolvidas, internas e externas a ela, interdependentes, e que apresentam efeitos acumulativos ao longo do tempo. A relação com o ambiente social mais amplo tem efeitos no modo como age com seus filhos e interfere no tipo de desenvolvimento que promove (SZMANSKI, 2004, p.09).

Um exemplo seria que, possivelmente, os pais não irão promover brincadeiras de outros países para seus filhos, mesmo que contribua no desenvolvimento do

mesmo, pois a relação externa com o ambiente local o direcionou a outros tipos de brincadeiras para aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Trocar o convívio com o filho pelo celular, tudo para deixá-lo quieto enquanto arruma a casa, estuda ou resolve questões de trabalho pode provocar malefícios. Um estudo realizado em diferentes países sobre o uso excessivo de celulares apontou que, “o risco de distúrbios de comportamento é maior nos filhos de mulheres que usam regularmente o celular – teve grande destaque, mas é preciso ponderar outros fatores que possam ter contribuído para esse resultado” (BALBANI, 2011, p. 435). A criança no mundo da internet sem um acompanhamento dos pais ou responsáveis é um perigo para seu desenvolvimento, é como deixar a criança pequena próxima a uma tomada, a qualquer momento pode se machucar. Além de que seu uso excessivo e outros excessos podem causar problemas cognitivos, psicológicos, físicos, motores.

A família precisa estar atenta também ao cuidado social e cognitivo das crianças, saber com quem e a qual medida a criança se relaciona, principalmente na educação escolar, em que a aproximação com diferentes segmentos sociais é mais visível. Mas, infelizmente no ambiente escolar a presença dos pais ou responsáveis é inferior ao esperado. Hoffman (2001, p. 32) esclarece que

Muitos professores apontam a ausência dos pais, seu descumprimento com questões de formação moral e aprendizagens dos filhos, como uma das grandes dificuldades da escola. Não há dúvidas de que os pais devem participar da escolaridade de seus filhos.

Infelizmente é a realidade de muitas escolas brasileiras, pais ou responsáveis que, às vezes, não fazem parte da escolarização dos seus filhos. Entretanto, no processo de construção de identidade, a criança necessita de acompanhamento na formação moral e durante seu aprendizado, como relata Hoffmann (2001).

Às vezes, crianças são agredidas por outras crianças com tapas, brincadeiras de mal gosto, exclusão de trabalhos em equipe na sala de aula e outras manifestações, afetando o seu desenvolvimento saudável, a saúde, o bem-estar físico e social do indivíduo (ALCANTARA, 2017), a quais os responsáveis, seja o professor do ambiente escolar juntamente com toda coordenação da instituição ou a família da criança, devem assegurar bem-estar e cuidado físico enquanto se desenvolvem.

Crianças que são maltratadas/agredidas na instituição escolar ou na família possivelmente sofrerão danos reais na formação de identidade. O artigo “Violência e vida familiar: abordagens psicanalíticas e de gênero” de Mandelbaum, Schraiber,

Oliveira (2016) descrevem um relato oral colhido em uma sessão de psicoterapia familiar:

O pai entra na casa silenciosa tarde da noite. A mãe e as duas filhas, de 5 e 8 anos, assistem TV no quarto das crianças, no escuro e em silêncio. Ouvir os ruídos da entrada do pai - a chave no trinco, os passos em direção ao quarto, afunda o silêncio em apreensão. Ele entra no quarto onde elas estão, vira as camas, uma delas sobre a menina maior, em cima do nariz, que sangra. Nada é dito, o clima é de terror mudo e paralisante. Ele sai. O silêncio da mãe e das filhas com o pai já vem de vários dias e prenuncia a saída de casa. O terror prolonga-se para além destes dias e da separação. À vista do pai, a cada vez, as meninas são tomadas de ansiedade e do desejo de que este encontro não ocorresse. Certo dia, num encontro imprevisto na rua, o pai segura com força a menina menor, que se debate de medo, tentando escapar do abraço assustador. Impossível, o pai é muito maior e mais forte. A experiência da criança é de desespero e aniquilação (MANDELBAUM; SCHRAIBER; OLIVEIRA, 2016, p.424).

Fato esse, que ocorre em muitas famílias brasileiras, as crianças possivelmente crescem doentes, ansiosas, abaladas psicologicamente. Depois, na juventude, encontramos jovens morrendo em pontes, matando outras vidas, presos em delegacias cada vez mais lotadas, devido a vários fatores durante seu desenvolvimento, a quais não cabe aqui mencionar.

Outro fator que interfere na aprendizagem e desenvolvimento da criança é a pobreza. Crianças que vão para a escola com fome, porque os pais não têm estrutura financeira para sustentá-las, crianças que vivem pedindo esmola na rua, enquanto poderiam estar brincando ou estudando, e conseqüentemente os pais não garantem, nem promove situações de desenvolvimento da criança, porque os mesmos não têm condição financeira ou psicológica para tanto. Szmanski (2004) destaca formas como a pobreza afeta o desenvolvimento, principalmente na relação entre pais e filhos.

- a) a pobreza e a privação econômica diminuem a capacidade de uma orientação consistente e protetora por parte dos pais;
- b) um mediador importante entre dificuldade econômica e sofrimento dos pais é o sofrimento psicológico, resultante de um acúmulo de acontecimentos negativos na vida, condições crônicas indesejáveis e a ausência e ruptura dos elos conjugais;
- c) privação econômica e pobreza afetam as crianças indiretamente, mediante seu comportamento dos pais;
- d) as relações pais/filhos, sobe condições de dificuldade econômica, depender da qualidade das relações entre o pai e a mãe (NUNES, 1994 apud SZMANSKI, 2004, p.12).

Situações que agregam a uma aprendizagem ineficaz, por isso o cuidado e a condição financeira estabilizada é tão necessário na atualidade. Em que as

integridades das crianças devem ser respeitadas, assim como o direito que possuem, seja a saúde, educação e segurança. É respeitando todo contexto da criança que os responsáveis devem direcioná-la a uma aprendizagem significativa, possibilitando todo seu desenvolvimento integral.

4 O OLHAR DA CRIANÇA MEDIANTE AS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES E O VALOR AFETIVO

A criança enquanto sujeito da sociedade, encontra na família as primeiras interações com o ambiente ao qual está inserido. Observa os pais, recebe cuidado, atenção e afeto. E, mesmo não compreendendo esse ambiente às vezes, irá aprenderá como agir mediante situações da vida. Nessa relação, encontra os primeiros familiares que contribuirão para a formação da sua identidade, pois é na família que a criança começa a reconhecer a sociedade.

É na família que a criança encontra os primeiros “outros” e com eles aprende o modo de existir. Seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito. Isto se dá na e pela troca intersubjetiva, construída na afetividade, e constitui o primeiro referencial para sua construção indenitária (SZMANSKIY, 2004, p.6).

Nessa troca, a afetividade faz parte da construção de identidade do indivíduo, para Pizzi (2012, p.193) “a afetividade tem um papel preponderante no processo de desenvolvimento no curso da vida humana”. Reconhecendo-se assim, enquanto sujeito, irá formar pensamentos a respeito do seu entorno.

Essa pesquisa buscar analisar o olhar da criança referente a família. Como se encontra as entidades familiares na atualidade, como a criança subentende as configurações familiares hoje formadas, de que forma tem reagido a essas novas configurações, e o valor afetivo como condutor de desenvolvimento da criança na família.

4.1 Percurso metodológico

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa. Nesse tipo de pesquisa cada detalhe do processo foi registrado, para melhor entender a singularidade dos indivíduos sobre o tema abordado. Esse tipo de pesquisa visa analisar questões que não podem ser enumeradas, conhecendo de perto situações individuais sobre uma área específica da sociedade. Para Minayo (1994, p.21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Nossa pesquisa configura-se como um estudo de caso, prioriza analisar cada detalhe da pesquisa, verificando o entedimento que a criança tem sobre o tema proposto. Segundo Gil (2008, p.5) o estudo de caso permite uma compreensão “profunda e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados”, ou seja, através do estudo de caso pode obter resultados concretos das situações estudadas.

Para a coleta de dados optamos por realizar oficinas. Segundo Menegon e Medrado (2014, p.34) as oficinas “na nossa perspectiva, são práticas discursivas, ou seja, compreendem maneiras por meio dos quais as pessoas produzem sentido sobre fenômenos a sua volta e se posicionam em relações sociais cotidianas”. Assim, as oficinas possibilitam conhecimentos qualitativos sobre a realidade de um determinado grupo social, contribuindo no levantamento de dados.

A pesquisa foi realizada na Associação Nossa Senhora do Rosário, por ser um local composto de diferentes segmentos familiares, atendendo crianças e adolescentes, moradores de um bairro periférico da cidade. Iniciamos no mês de abril a junho de 2019, e participaram da pesquisa 10 crianças com idade entre 7 a 10 anos. Os materiais utilizados nas oficinas foram: papel A4, lápis, tesouras, revistas, fantoches, marcador de quadro, lápis de cor e borrachas.

Foram realizadas duas oficinas, cada uma com temas diferentes e objetivos diferentes. O primeiro contato com as crianças aconteceu na primeira oficina sobre *configurações familiares*, no qual as mesmas participaram ativamente da construção do quebra cabeça e da peça. O segundo momento, foi a oficina sobre *a afetividade na família*, expressando significativamente por meio de desenhos e da escrita sua relação de afeto com pessoas que compõe a família. Para Duarte (2011, p. 28), “o desenho pode ser considerado a escrita primitiva da criança na primeira infância”, portanto, é por meio do desenho que expressam seus sentimentos a respeito do seu entorno.

Como dito, os participantes da pesquisa foram dez crianças, como mostraremos a seguir. Porém, outras dozes crianças estiveram presentes somente na primeira oficina devido a um imprevisto no projeto, pois um dos profissionais não compareceu e assim a coordenação pediu para juntar. Dessa forma, as referidas crianças participaram do primeiro momento do estudo.

4.2 Conhecendo a Associação e os participantes da pesquisa

O estudo de caso foi realizado na Associação Beneficente Nossa Senhora do Rosário, localizada em Delmiro Gouveia – AL. A referida associação é uma entidade da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 6 de outubro de 2015, com personalidade jurídica de direito privado, distinta de seus sócios e reconhecida de interesse público pela Câmara de Vereadores do município segundo o PTANR⁴ - Plano de trabalho Associação Beneficente Nossa do Rosário Projeto Transformando vidas potencializando oportunidades. (PTANR, 2019, p.1).

A associação busca em suas ações efetivar a garantia da promoção, proteção e defesa dos direitos humanos. Assim, as pessoas que estão sendo privadas da integralidade das dimensões compreendida por estes direitos possam ter acesso ao mínimo existencial, fornecendo subsídios para emancipação, sujeitos de qualquer forma de preconceito, violação ou violência. A associação desenvolve o **Projeto Transformando vidas potencializando oportunidades**, onde são realizadas as seguintes atividades internas: música, capoeira, leitura, culinária, esporte, artesanato e dança. Também temos os eventos e atividades externas, como: campanhas sobre bullying, violência e exploração sexual, trabalho infantil, drogas, canais de denúncias de abuso, entre outros (PTANR, 2019, p.01).

O referido projeto atende mais de 40 crianças e adolescentes e suas familiares vítimas de maus-tratos residentes nos bairros Desvio e Pedra velha. Uma pesquisa realizada pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) no ano de 2014, evidenciou que os maiores focos de violência contra as crianças e adolescentes encontram-se nas áreas de maior vulnerabilidade, e exemplo dos bairros citados (PTANR, 2019, p.01).

O Projeto Transformar⁵ atende no período matutino e vespertino. A equipe que compõe o projeto reúne nove pessoas, sendo que três são voluntárias. A seguir mostraremos as crianças participantes das oficinas, todas com nomes fictícios para preservar sua identidade.

⁴ Plano de Trabalho da Associação Nossa Senhora do Rosário: projeto transformando vidas potencializado oportunidades.

⁵ É a associação Nossa senhora do Rosário, no entanto é mais conhecido pela população por Projeto Transformar.

Quadro 1 – Crianças participantes da pesquisa

Nome Fictício		Sexo	Idade	Configuração familiar
01	Flavia	Feminino	8 anos	Pai, mãe e irmãos
02	Artur	Masculino	7 anos	Pai, mãe e irmão
03	Ana Liz	Feminina	9 anos	Pai, madrasta e irmão
04	Maria Clara	Feminina	9 anos	Pai, mãe e irmãos
05	Barbara	Feminina	8 anos	Pai e mãe
06	Carlos	Masculino	10 anos	Pai, mãe e irmãos
07	João Miguel	Masculino	10 anos	Pai viajou, mãe e irmãos
08	Felipe	Masculino	8 anos	Pai, mãe e irmãos
09	Luzia	Feminino	9 anos	Mae e avó
10	Loane	Feminino	9 anos	Avó
CRIANÇAS QUE PARTICIPARAM APENAS DO PRIMEIRO MOMENTO				
Nome Fictício		Sexo	Idade	Configuração familiar
11	Gabriel	Masculino	10 anos	Mae, padrasto e irmãos
12	Ana Valeria	Feminino	10 anos	Pai, mãe e irmãos
13	Barbara	Feminino	6 anos	Mae e padrasto
14	Bianca	Feminino	8 anos	Pai, mãe, irmã
15	Betânia	Feminino	7 anos	Pai, mãe, irmã
16	Sandra	Feminino	7 anos	Pai, mãe, irmãos
17	Marcos	Masculino	7 anos	Pai, mãe, irmãos
18	Ariel	Masculino	8 anos	Mae e irmãos
19	Eduardo	Masculino	6 anos	Mae, pai e irmãos
20	Pedro	Masculino	8 anos	Pai, mãe, irmãos
21	Bruno	Masculino	7 anos	Mae e irmãos
22	Luiz Otavio	Masculino	9 anos	Mae, pai e irmãos

4.3 Descrições das oficinas

Realizamos o primeiro contato com a coordenação da associação, para saber se a pesquisa poderia ser realizada. Após a liberação aconteceu o encontro com as mães das crianças. A coordenação convidou as mães, mas nem todas as convidadas estavam presentes, e depois de ser explicado como se daria a pesquisa, elas aceitaram e assinaram o termo de consentimento.

Logo, foi marcado o primeiro encontro com as crianças do Projeto Transformar no período vespertino, no mês de abril. Em uma sala, foi aplicada a primeira oficina com o uso de fantoches e quebra-cabeça. Duas pessoas, por nome fictício Juliano e Alessandra⁶, auxiliaram em todo proceder da oficina, com eles ensaiamos a peça antecipadamente, ajudaram na organização da sala, do material e das crianças.

Oficina 1 – Tema: Configurações Familiares

A oficina começou as 14h15, com 22 crianças, das quais 10 tinham o termo de consentimento assinado pelas mães e 12 crianças de outra sala, como já explicado anteriormente. A discussão sobre família iniciou com a seguinte pergunta: *“o que seria família e o que vocês entendem sobre isso?”* Desenhamos então no quadro, a mãe, o filho, o avô, a avó, e se também seria uma família, eles disseram que sim.

Após a discussão, as 14h40, foi apresentado a peça “Minha família”, escrita pela pesquisadora, com o uso de fantoches. Vejamos a peça:

Narrador: Você sabia que há diferentes tipos de família? Crianças que moram com o papai e mamãe, ou com o vovô e vovó ou mora só com um deles. Crianças que moram com os tios. Que tem uma madrasta ou padrasto. E todas essas formas são família. E tem muito mais. Vamos conhecer a família do Luiz. Bora lá... (Entra o personagem e se apresenta):

Luiz: Boa noite crianças! Meu nome é Luiz, tenho 7 aninhos. Minha família é assim: eu, a mamãe e meu padrasto. Mamãe disse que

⁶ Colaboradores que convidamos para ajudar a realizar as oficinas.

quando eu era bem pequeno ela se separou do meu pai. Aí depois se casou novamente. O marido dela é meu padrasto e eu gosto muito dele. Ele é bem legal comigo. Vocês também tem padrasto? Como é o padrasto de vocês? (Esperar as crianças responderem). A família da minha amiga que estuda comigo é diferente, vou chamar ela para falar com vocês. Joanaaaaaaa, oooooo joanaaaaaaa. Joanaaaaaaa.

Joana: Oi Luiz, quase não escutava, estava ajudando vovó a guardar as compras.

Luiz: Está certo. Estava aqui falando com as crianças sobre família, fale a eles como é sua família.

Joana: Então crianças, lá em casa é assim. Mora eu, mamãe, vovó e meu irmão mais velho. Ele é bem grandão. Bem grandãoooooooooo mesmooooo.

Luiz: E seu pai, Joana?

Joana: Papai foi *pra* o céu, morar com Deus. Mas eu lembro dele, ele faz falta.

Luiz: Sinto muito Joana, e você tem uma família bem bonita.

Joana: É bonita mesmo. A família da minha amiguinha já é diferente, ela mora lá na rua de casa. Ela mora com o avo e avô, mas ela tem mãe. Só não mora com ela. Vem visitar ela de vez em quando.

Luiz: Eu também tenho um amigo que mora com os tios, que não deixa de ser a família dele. É bem diferente da minha. Mas quero saber de vocês também, você aí, conte pra mim e a Joana como é a família de vocês.

No momento da peça, quando Luiz o personagem, perguntou “*Vocês também tem padrasto? Como é o padrasto de vocês?*”. Três crianças levantam as mãos.

Posteriormente, foi o intervalo e logo após a explicação do quebra-cabeça, ressaltando que cada pessoa da família é importante, como a montagem do quebra-cabeça, que precisa de todas as peças para estar completa.

Com o material que levamos para o projeto, cada criança tinha que recortar da revista a quantidade de pessoas que fazem parte da sua família e colar em uma folha A4. Após a colagem na folha A4, colavam no papel cartão para ter uma consistência mais dura, e assim recortávamos em quadrado entregando a criança o quebra-cabeça.

Oficina 2 – Tema: **a afetividade na família**

A segunda oficina aconteceu no mês de junho, no período vespertino. Dessa vez em uma sala menor. Apenas 06 crianças estavam presentes das 10 participantes da pesquisa. Iniciamos perguntando as crianças o que entendem por vínculo afetivo, todas disseram que não sabiam, após a explicação contamos a fábula de Sam McBratney (2015) “Adivinha quanto eu te amo”, as crianças gostaram e interagiram. Um deles relatou que não mora com o pai, mas vê ele quase todos os dias. Depois da história, contamos outra história, dessa vez visual. Um vídeo sobre o “amor de mãe” de Floriana Abreu (2015), e mais uma vez as crianças gostaram e afirmaram que amam muito suas mães. Uma menina então nos contou que a mãe da sua colega tinha morrido. Ela então começou a chorar.

Mediante o horário, as crianças foram para o intervalo, assim que todos retornaram, entregamos a cada um uma folha A4 para desenhar pessoas da família, e assim fizeram. Por fim, escreveram uma carta para uma das pessoas que amavam da família.

4.4 Análises de dados

Nesse momento apresentaremos os desenhos e as atividades realizadas pelos participantes durante as oficinas. Além disso, analisaremos cada detalhe do processo obtido pelas observações, fotos e desenhos, ressaltando particularidades dos indivíduos e fundamentando com a teoria.

A análise refere-se as configurações familiares e a afetividade familiar no contexto que as crianças estão inseridas. Observemos a seguir:

Figura 1 – Roda de conversa sobre família



Nesse dia encontramos diferentes realidades. A Loane de 9 anos é irmã da Bárbara de 6 anos. Loane mora com avó, já a Bárbara mora com a mãe e o padrasto. Eduardo e Gabriel são irmãos por parte de mãe, o pai de Gabriel faleceu e atualmente tem um padrasto. Betânia e Bianca são irmãs e moram com os pais, Ariel e Bruno moram somente com a mãe e outros irmãos. Gontijo (2008), explica que a família não é formada somente por pai, mãe e filhos. Mas, uma estruturação psíquica, onde cada membro ocupa um lugar.

A discussão sobre família iniciou com a seguinte pergunta: *“o que seria família e o que vocês entendem sobre isso?”* Algumas crianças levantaram a mão e Sandra, 7 anos, disse: *seriam aqueles que moram em casa*. Perguntamos então, *“mas se os seus pais tivessem que viajar pra longe e morar longe por um tempo, ele continua sendo sua família?”*. Outra criança respondeu *“sim, ele só vai tá longe”*. Nesse sentido, vale a reflexão acerca da Constituição Federal que quando afirma que *“é reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família”* (BRASIL, 2008, p. 362).

Ao apresentarmos no quadro algumas configurações de famílias, as crianças em nenhum momento demonstraram desrespeito com essas famílias, as quais consequentemente faziam parte da realidade deles.

No momento da peça com fantoches, a personagem Joana perguntou *“Vocês também têm padrasto? Como é o padrasto de vocês?”*. Gabriel, de 10 anos, disse:

“*meu padrasto é legal comigo*”. É possível observar que a afetividade não está vinculada somente ao fator biológico, a própria Constituição Federal “consagra o princípio de que o amor familiar representa o elemento formador da família contemporânea” (VECCHIATTI, 2008, p. 215).

Em seguida realizamos a montagem do quebra-cabeça, vejamos as imagens:

Figura 2: Recorte das imagens na revista



Figura 3: Recorte das imagens na revista



Figura 4: Recorte das imagens na revista



As crianças em todos os momentos foram participativas. Na Figura 4, a criança já está fazendo a montagem do quebra-cabeça. Merleau Ponty (2006, p. 376) afirma que a família “é o veículo de todas as relações com o mundo, e é no interior dessa relação que se manifestam as relações sociais”, portanto a medida que todos terminavam, explicamos que as novas configurações familiares são como o quebra-cabeça: *“todas as partes são importantes, porque não montamos o quebra-cabeça completo sem uma parte, e que cada parte é diferente da outra, como uma grande família. Cada um tem um jeito e uma forma, mas todos são importantes. É como uma mãe que cuida dos seus dois filhos, e um não substitui o outro”*.

Na segunda oficina apenas 06 crianças estavam presentes, como já explicado. Eram eles: Flávia, Artur, Ana Liz, Maria Clara, Bárbara e Carlos. Analisaremos os desenhos e carta escrita para seus familiares. Começaremos pelo desenho e a carta de Flávia, de 8 anos.

Figura 5: Desenho da Flávia



A família de Flávia é composta pela mãe, pai e 6 filhos, sendo 4 meninas e 2 meninos. Flávia mora com os pais e 5 irmãos, é uma menina comunicativa e agitada. No desenho está a figura da mãe e dos 5 irmãos. Dentro da casa ela desenhou alguém, ao ser questionada sobre quem era, disse “é o meu pai”. Percebemos que retratou como alguém distante. Volling e Elins (1998 apud DESSEN; POLÔNIA, 2007, p.24) afirmam que

As figuras parentais exercem grande influência na construção dos vínculos afetivos, da auto-estima, autoconceito e, também, constroem modelos de relações, que são transferidos para outros contextos e momentos de interação social.

Na própria sala de aula Flávia demonstrou participação e relacionava-se facilmente com as outras crianças.

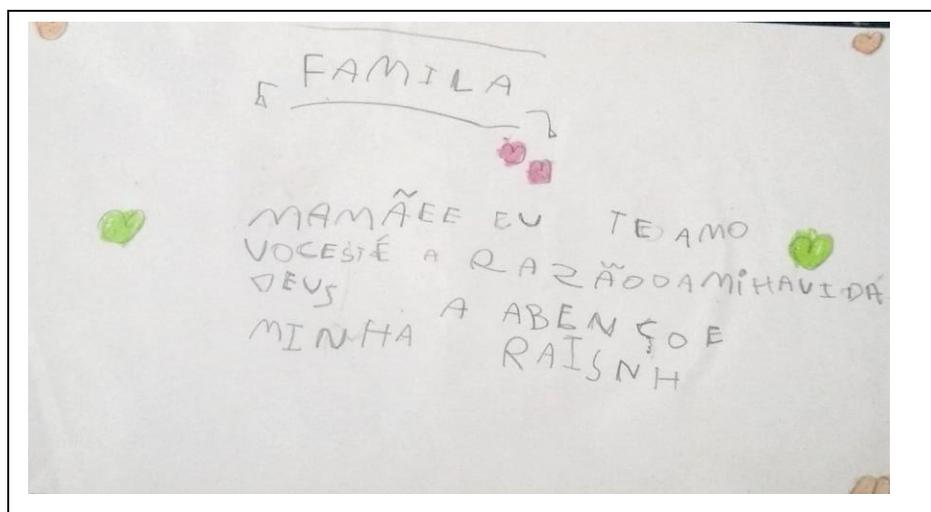
Em relação a carta, Flávia prontificou dizendo: “tia, quero escrever pra minha mãe” e assim o fez. Ela e as outras crianças não tem domínio de formular palavras para escrever, então escrevemos no quadro uma frase e cada um escolheria a quem escrever.

Agora apresentaremos e analisaremos as produções de Artur, de 7 anos.

Figura 7: Desenho do Artur



Figura 8: Carta de Artur para a mãe



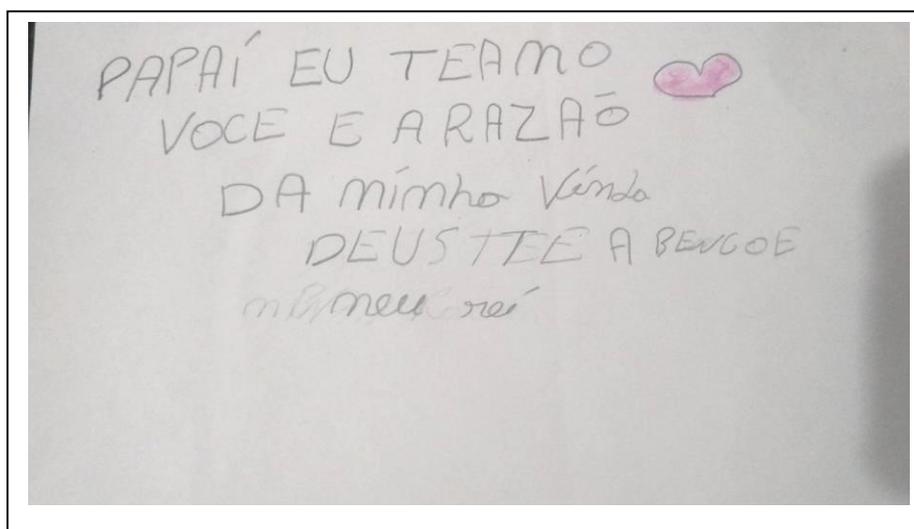
Artur é um menino tímido e pouco comunicativo. Sua família é composta por pai, mãe e um irmão. Mas, o pai não mora com eles, não sabemos por qual motivo. No seu desenho está somente a figura da mãe. Segundo Artur, só queria desenhar a mãe, não explicou o motivo. No desenho tem corações, flores e um coração em cima da cabeça da mãe. Antunes (2006, p.5) explica que existe “um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos[...]”, a quais podem ser bons ou ruins. No desenho e na carta é possível observar que Artur se utiliza de muitos corações para expressar seus sentimentos por sua mãe.

Vejamos agora as produções de Ana Liz, de 9 anos.

Figura 9: Desenho de Ana Liz



Figura 10: Carta de Ana Liz para o pai



No desenho de Ana Liz tem a figura do pai e do irmão, no entanto, ela não desenha a madrasta. Na imagem não há muitas cores, apenas umas gramas e uma flor no lado esquerdo. A figura do pai desenhada por Ana Liz está sem rosto. Greig (2004, p. 81) aponta que:

O rosto, por sua vez, geralmente é pobre, e em alguns casos os membros ou as mãos não estão presentes, [...] que se agrava e sinaliza uma grande fragilidade da personalidade: esses desenhos “abertos”, [...] geralmente têm correspondência com histórias clínicas penosas, marcadas por dramáticas carências familiares (abandono, falecimento ou violências) e que levam a graves situações de desarmonia, com a frequente deterioração de eficiências.

Realidades marcantes para crianças que fazem parte dessas situações e a de Ana Liz é uma delas. Maria Clara, sua colega, na sala disse: “tia, a mãe dela morreu”,

imediatamente Ana Liz abaixou a cabeça. Fazia pouco tempo que a mãe tinha falecido, e ao conversar tentamos animá-la. Pino (2005, p. 128) explica que o indivíduo “é afetado pelos acontecimentos da vida, ou melhor, pelo sentido que tais acontecimentos têm para ele”.

Na carta ela decidiu escrever para o pai.

Agora vejamos o que Maria Clara, 9 anos produziu.

Figura 11: Desenho de Maria Clara

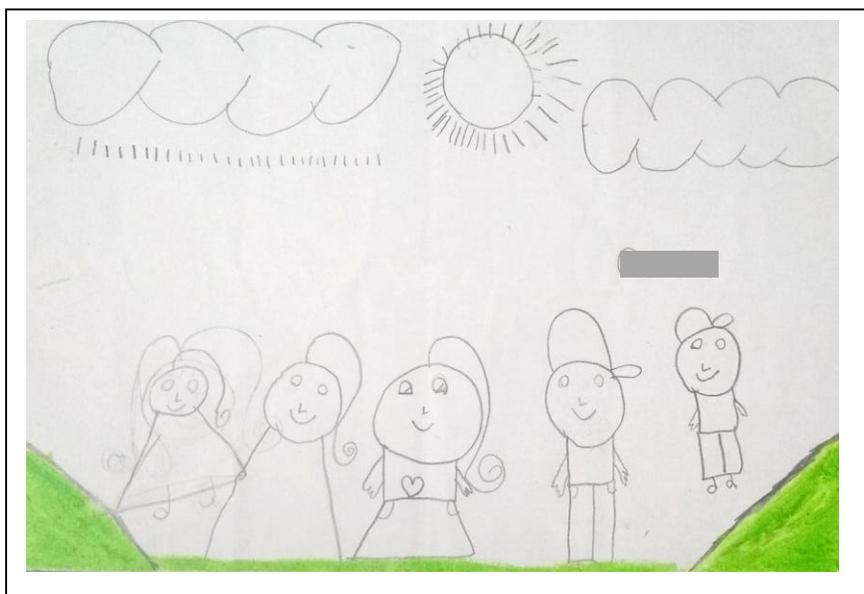
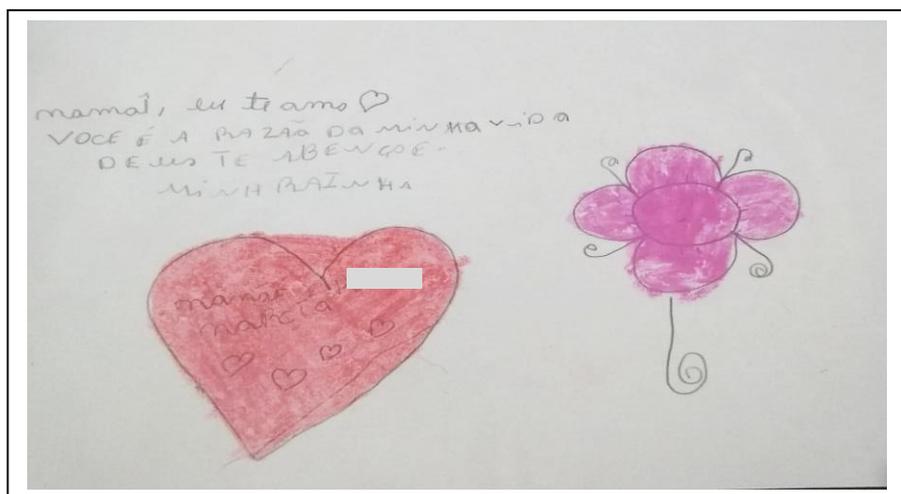


Figura 12: Carta de Maria Clara para a mãe



Durante a oficina, Maria Clara mostrou-se meiga e tímida, mas ao decorrer da oficina sua relação com as crianças foi intensificada. Ela tem um irmão e irmã, mora com os pais e na figura 12 fez sua família.

É possível observar que a sua mãe está no centro da família e que na carta utilizou de coração e flor para expressar seus sentimentos pela mãe. Para Oliveira, (1992, p. 76) “os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas”, as influencias familiares, a exemplo, tem um grande papel no desenvolvimento das crianças.

Passamos então, aos desenhos de Bárbara de 8 anos.

Figura 13: Desenho de Bárbara

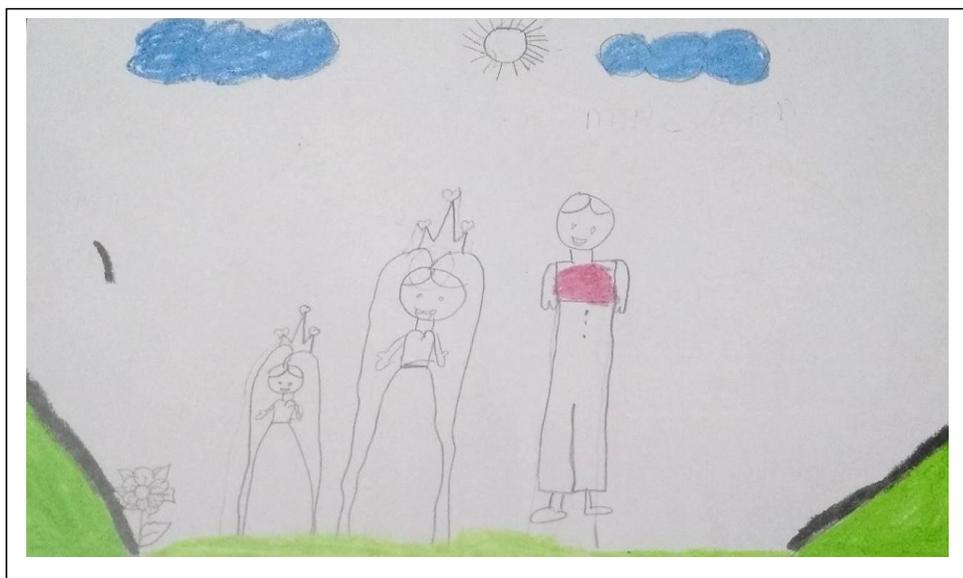
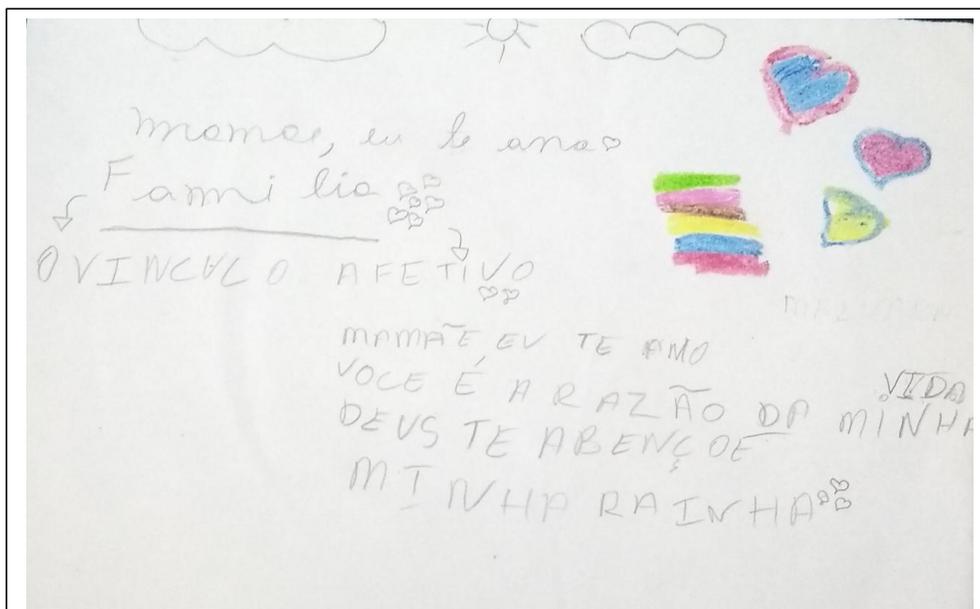


Figura 14: Carta de Bárbara para a mãe



Bárbara é uma criança extrovertida, simpática e participativa. Assim como a maioria das crianças, mora com o pai e a mãe. Ela é filha única e desenhou o pai, a mãe e ela mesma. Na carta ela escreve duas vezes “*mamãe eu te amo*”. Retrata sua mãe no desenho como um rainha e ela como uma princesa. Greig (2004, p. 66) aponta que “todas as representações são carregadas de jogos de projeções e de identificações em que a princesa e o pirata [...] a rainha e o rei são também papai e mamãe [...], pode ser também a imagem de uma regressão desejada”.

Porém, em nenhum momento faz a coroa para o pai, apenas a demonstração de um largo sorriso. Outro fator importante é a forma que os desenhos são feitos, suas espessuras e formas. Greig (2004, p. 65) ressalta que

Os membros tomam assim a espessura de seu traçado, chamado de “contorno duplo”. Ou então o processo é mais voltado inicialmente a distinguir o tórax do abdômen, com a possível aparição de calças e saias; em alguns casos a aparição de pescoço.

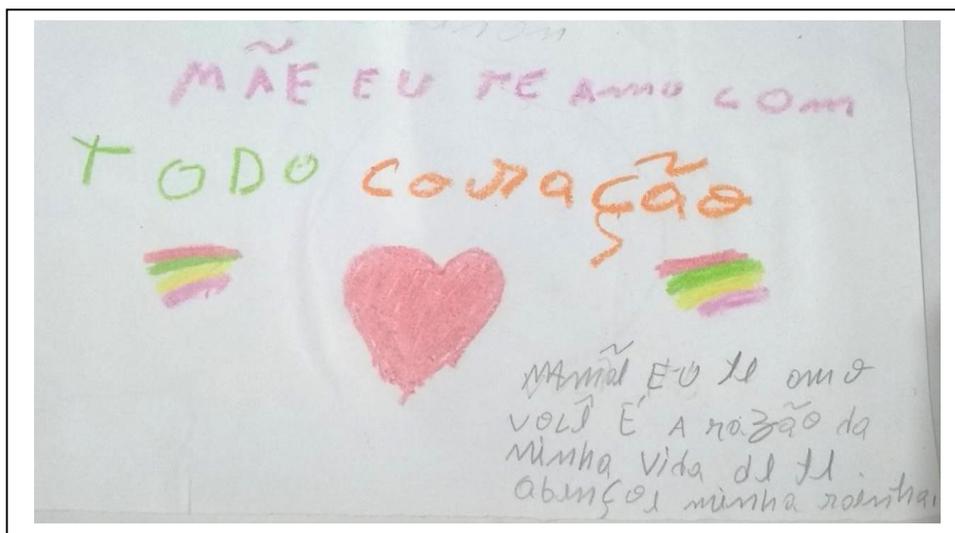
Todas as outras crianças da pesquisa fizeram os desenhos com a aparição de calça e saia, no entanto com pescoço apenas as figuras 9, 13 e 15.

Vejamos em seguida os desenhos de Carlos de 10 anos:

Figura 15: Desenho de Carlos



Figura 16: Carta de Carlos para a mãe



Carlos é um menino divertido e se relaciona bem com os colegas. No seu desenho há muitas cores, o céu azul, sol e grama. Carlos desenha a família com espessuras, cabelos e todos alegres. A forma que as crianças desenharam o corpo diz muito sobre sua identidade e a dos seus familiares. Gomes (2003, p. 174) mostra que

O corpo é uma linguagem e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma delas. O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo indenitário.

É possível observar em todas as figuras (06, 08, 10, 12, 14, 16) o desenho de cabelos, uns longos, outros amarrados, outros em forma de linha, cada um com sua particularidade.

Na Figura 16 Carlos desenha a mãe, pai e duas irmãs, ele coloca suas irmãs cada uma do seu lado. Visto que, na sua família todos estão felizes, e na carta ele mesmo escreve *“mamãe eu te amo com todo meu coração”*, demonstrando sua relação de afeto com a mãe, pois as crianças desenharam aquilo que vivenciam. Derdyk (2010, p. 48), aponta que *“ao desenhar a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial”*.

Conclui-se então, que as crianças participantes da pesquisa não demonstraram desrespeito com as novas configurações familiares abordadas nas oficinas, especificamente as da sua realidade. A família por ser esse mediador entre o indivíduo e a sociedade é o primeiro lugar para o desenvolvimento da criança, onde inicia as

relações de afeto, sociais e culturais. Goleman (2007, p.208), mostra que a família é o lugar “onde iniciamos a aprendizagem emocional; nesse caldeirão íntimo aprendemos como nos sentir em relação a nós mesmos e como os outros vão reagir a nossos sentimentos”. Portanto, é notório que a relação de afeto com as famílias tem suas particularidades e cada criança recebe influências internas e externas.

CONSIDERAÇÕES

Ao decorrer do trabalho, podemos afirmar que a família é a base da sociedade, seu papel na educação infantil é fundamental para a formação do indivíduo, e é na família que a criança encontra os primeiros outros e se reconhecem como indivíduos atuantes e essenciais na esfera humana.

Visto que, a afetividade faz parte do processo de formação da criança, pois a ausência afetiva pode provocar danos reais no desenvolvimento da criança, principalmente a relação de afeto dos pais com os filhos, pois exercem grande influência na construção de vínculos, em outras áreas da vida da criança.

Na pesquisa foi possível observar que as crianças mantêm a relação de afeto com os pais, na sua grande maioria com as mães. Mas, destacando a importância da afetividade na aprendizagem da criança, do mesmo modo em famílias que tem filhos adotivos, pois a família está além dos laços biológicos. Afirmamos neste trabalho que a afetividade é o norteador para a construção familiar.

Portanto, o apontamento sobre as novas configurações familiares da atualidade, adverte que não existe somente um modelo de família, mas outras formas constituem a sociedade atual, enriquecendo nosso Brasil e o mundo, como já citado, a afetividade é o norteador da família.

Na própria pesquisa de campo, as crianças não demonstraram falta de respeito com bases familiares monoparentais, mosaicos, anapaentais, entre outras, mas elas mesmas se reconheciam nas famílias que foram tratadas nas oficinas. Do mesmo modo, na oficina sobre o vínculo afetivo, apesar de fazerem parte de um bairro economicamente pobre e com altos índices de violência, as crianças participantes da pesquisa demonstraram por meios dos desenhos sua relação de afeto com os familiares, seja uma relação presente ou ausente.

Contudo, as famílias precisam estar sempre atentas aos comportamentos dos seus filhos e presentes em todas as áreas da sua vida, pois o desenvolvimento saudável da criança, acontece por meio de vários fatores externos e internos e a família tem um papel fundamental nesse processo.

REFERÊNCIA

ALCANTARA, Stefania Carneiro de et al. **Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar.** Ciênc. saúde coletiva [online]. 2019, vol.24, n.2, pp.509-522. ISSN 1413-8123. Disponível em: <file:///D:/LIVROS%20E%20ARTIGOS/alcantara.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2019.

AMOR DE MAE. Produção de Floriana Bertini de Abreu. Duração: (2:08min.), son., color. Legendado. Com narrativa. Didático. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NcgWi9yjiJ8>. Acesso em: 30 fev. 2019

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza.** Londrina: Maxiprint, 2006.194p.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança.** 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BALBANI S. P. A. et al. Impacto do uso do telefone celular na saúde de crianças e adolescentes. **Rev. Paul. Pediatr.** São Paulo; Vol. 29, n.3, p. 430-436, 29 de março de 2011.

BAPTISTA, Silvio Neves. **Manual de direito de família.** 3. ed. Recife: Bagaço, 2014.

BRASIL. Código Civil (2002). **Código civil brasileiro e legislação correlata.** 2. ed. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008. 616p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil,** Brasília, DF, 16 jul. 1990.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 29 jul. 2019.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

COLL, César; MARCHESI, Alvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação.** 2.ed. – Porto Alegre Artmed, 2004.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. UNIC/RIO/005, JANEIRO DE 2009.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho:** desenvolvimento do grafismo infantil. 4. ed. Porto Alegre: Zouk, 2010.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLÔNIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano.** Paidéia, 2007, 17(36), 21-32.

DUARTE, M.L.B. **Desenho infantil e seu ensino a crianças cegas: razões e método.** Curitiba: Insight, 2011.

FERREIRA, Jussara Suzi Assis Borges Nasser; RÖRHMANN; Konstanze. **As famílias pluriparentais ou mosaicos.** Revista do Direito Privado da UEL – Volume 1, 2014. Disponível em: <file:///D:/LIVROS%20E%20ARTIGOS/Fam%C3%ADiasPluriparentaisouMosaicosJussaraFerreira.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** v. 1. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. (Coleção Educação e Comunicação).

G1 Minas. Barragem da Vale se rompe em Brumadinho, MG. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: [rompimento-de-barragem-em-brumadinho-na-grande-bh.ghtml](#). Acesso em: 25 nov. 2019

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente.** Rio de Janeiro: Objetivo, 2007.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Educação e Pesquisa, v.29, n.1, p. 167-182, São Paulo. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1>. Acesso em: 01 Fev. 2020.

GONÇALVES, Carlos Roberto. **Direito civil Brasileiro: direito da família.** São Paulo: Saraiva, 2005.

GREIG, Philippe. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita.** Porto Alegre; Artmed, 2004.

GRISARD FILHO, Waldyr. **Famílias reconstituídas. Novas relações depois das separações. Parentesco e Autoridade parental.** In: PEREIRA, Rodrigo da Cunha (Coord.). Afeto, Ética, Família e o novo Código Civil. Belo Horizonte: Del Rey, 2004.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** Porto Alegre: Mediação, 2001.

MANDELBAUM, Belinda; SCHRAIBER, Lilia Blima; OLIVEIRA, Ana Flávia P. L. **Violência e vida familiar: abordagens psicanalíticas e de gênero.** São Paulo, v.25, n.2, p.422-430, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902016000200422&lang=pt. Acesso em: 03 jan. 2020.

MCBRATHEY, Sam. **Adivinha quanto eu te amo.** 2. ed - São Paulo, Fontes, 2015.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. **Avaliar: um diálogo da afetividade com a rede de relações desenvolvidas no cotidiano escolar.** Revista de Educação PUC-Campinas, Campinas, n. 25, p. 173-181, nov. 2008.

MELO, Sheila Caroline Hnediuk de; MARIN, Ângela Helena. **Influência das composições familiares monoparentais no desenvolvimento da criança: revisão de literatura.** Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2016.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v17n1/v17n1a02.pdf>. Acesso em: 31 de Maio de 2019.

MENEGON, Mar Jane Spink Vera Miconff; MEDRADO, Benedito. **Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicos e aplicações ético-políticas.** Psicologia e sociedade, 26(1), 32-43, 2014.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/05.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança: Curso da Sorbonne.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MINAYO, Maria Cecília. de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade.** 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Disponível em: <file:///D:/LIVROS%20E%20ARTIGOS/pesquisa-social%20minaio.pdf>. Acesso em: 15. Jan. 2020.

MORAES, Patrícia Maccarini. **Arranjos familiares monoparentais e chefiados por mulheres: pobreza e sobrecarga.** Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Londrina, 2014.

Disponível em: http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT2_Patricia%20Maccarini%20Morae s.pdf. Acesso em: 24 Maio 2019.

OLIVEIRA, M.K. O problema da afetividade em Vygotsky. In: LA TAILLE, Yves de, DANTAS, H. H.; OLIVEIRA, M.K. (Orgs.). **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992, p. 75-84.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. **Recomeçar: família, filhos e desafios.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

Disponível em: <http://books.scielo.org/id/965tk/pdf/oliveira-9788579830365.pdf>. Acesso: 27 jul. 2019

PINO, A. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski.** São Paulo: Cortez, 2005.

PRIORE, Mar Del. **História das crianças no Brasil.** 7.ed. São Paulo: Contexto, 2010. p.112

PIZZI, Laura Cristina Vieira. **Trabalho docente: tensões e perspectivas.** EDUFAL, 2012.

SZYMANSKI, Heloisa. **Práticas educativas familiares: A família como foco de atenção psicoeducacional.** Campinas: São Paulo, 2004, p.5-16.

TOTH, Tihamer. **Casamento e família: sermões e conferencias**. Editora Vozes LTDA, Petrópolis, 1959.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. **Manual da Homoafetividade**: possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivos. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2008.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você, responsável pelo menor autoriza a participar na pesquisa, referente ao TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO de LUANA VENTURA VIEIRA. A seguir, as informações da pesquisa com relação a participação do menor neste trabalho:

- 1.O estudo se destina a observações das crianças nas oficinas realizadas no Projeto Transformar.
2. A importância dessa pesquisa é a de analisar a perspectiva da criança referente a família.
3. A coleta de dados começará em abril e terminará em junho.
4. A pesquisa será feita da seguinte maneira: três oficinas em meses diferentes no Projeto Transformar.
5. A sua participação será na seguinte etapa: autorizando a participação do menor sob sua responsabilidade na pesquisa.
6. Você será informado (a), se desejar, do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada etapa da pesquisa.
7. A qualquer momento, você poderá recusar a participação do seu filho na pesquisa, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.
8. As informações conseguidas através da participação do menor sob sua responsabilidade na pesquisa não permitirão a identificação sua ou do menor, exceto para a equipe da pesquisa.
9. A pesquisa não acarretará nenhuma despesa pra você.

Eu....., responsável pelo menor....., autorizo a criança participar da pesquisa, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a participação no mencionado estudo e estando consciente dos direitos, das responsabilidades, que a participação implicam, concordo em autorizar a participação do menor e para isso DOU MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Delmiro Gouveia – AL, 22 de Março de 2019

Assinatura da executante da pesquisa

Assinatura do representante